

Editorial

AMEAÇA À
SOCIEDADE

Quarenta e cinco armas de fogo, entre as quais seis submetralhadoras, e muita munição foram subtraídas, na noite de domingo para segunda-feira, de um órgão da Secretaria de Defesa Social que funciona próximo ao Presídio Antônio Dutra Ladeira, em Ribeirão das Neves, na região metropolitana de Belo Horizonte.

Na manhã de ontem, quando uma nova turma foi render os agentes de plantão, encontrou os nove homens desacordados ou passando mal. Os agentes teriam sido dopados pela comida feita no local por uma empresa terceirizada ou por alimentos introduzidos no recinto por algum colega de trabalho.

Não houve arrombamento. Também não houve resistência. Os ladrões puderam agir sem ser incomodados. Não é provável também que não tenham encontrado as portas trancadas. Alguém as abriu para eles. E câmeras de vídeo, se estivessem funcionando, devem ter registrado toda a operação.

A polícia tem um mistério para desvendar. Conforme uma autoridade, a ação foi muito bem planejada. Os criminosos tinham conhecimento das características das armas depositadas ali. Potencialmente, todos os agentes em serviço no órgão são suspeitos, embora apenas um possa ser o responsável.

Esse é o tipo de roubo cuja a ocorrência é inadmissível. Ladrões roubam cidadãos indefesos, não a polícia. Quando isso acontece, a desmoralização é total. A não ser que a própria instituição seja conivente com os criminosos, o que é pior ainda. Por isso, a corrupção não pode ser descartada nas investigações.

O sistema de segurança apresenta fragilidades que, apesar de conhecidas, não são corrigidas. Roubos de armas já ocorreram antes em fóruns de Justiça. Hoje, ladrões assaltam frequentemente empresas em busca de dinamite para explodir caixas eletrônicos. Desconhecem-se as providências das autoridades.

O tempo vai esquentar com criminosos com esse arsenal nas mãos.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

GERENTE DE ASSINATURAS
Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Política: Carla Kreeft

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Clarinha, a decidida, e o
“‘tibungo’ dentro do berço”!

Aprenderam a ouvir passarinhos, deitados em minha cama

Em “A arte de ser avó”, uma crônica bela e polêmica, Rachel de Queiroz diz: “Netos são como herança. Você ganha sem merecer... E, quando você vai embalar o menino, ao som de ‘passarinho como vai’, ele, tonto de sono, abre os olhinhos e diz ‘Vovó’, seu coração estala de felicidade como pão de forno”.

Luana, quando pequena, adorava ver as “joias da vovó” – um mar de bijuterias e pouquíssimas joias. Devo ter dito que seriam delas quando eu morresse. Um dia perguntou: “Lucas, quando a vovó vai morrer?”. Ele: “Ó Luana, a vovó não vai morrer!”. Ouvi e gargalhei. Comigo aprenderam a ouvir passarinhos, deitados em minha cama após o almoço; a amar cavalos e a cavalgar. E quando os vejo galopando um mangalanga marchador, fico só felicidade.

Há umas duas semanas, recebi da Livia uma foto de um cacho de cabelo enorme pregado numa agenda: “Olha o que Maria Clara fez na escola!”. Respondi: “Quer dizer que a professora cortou o cachinho?”. Ela: “Não, mãe! A própria Maria Clara. E falou pra professora que cortou porque o cachinho a estava atrapalhando de pintar”. Passei a lembrar outros momentos de Clarinha, a decidida, e constatei que ela, com 4 anos, já tem a manha para resolver problemas. Não dá voltas na pedra do caminho, retira-a!

Nas férias de janeiro passado, Inacim estava “pintando e bordando” na sala, quando Clarinha bradou: “Moleque saliente, vou te pegar de jeito! Se comporta, Inacim! Não vou deixar mais você vir pra casa da vovó!”. Débora, a mãe do Inacim: “O que é isso, Clarinha? A mamãe é avó dele também! Tá

pensando que manda aqui, é?”. Ela: “Hum-hum. A vovó deixa eu mandar um pouco aqui também!”.

Um dia de faxineira, as mães saíram dos quartos no “ponto de rua”: “Mãe, vamos à Galeria do Ouvidor!”. Eu: “Vão levar as crianças?”. Livia: “Nããã! É rapidinho. Voltaremos para o almoço”. Entendi o trampo do dia. Espiei na geladeira o que havia para uma comida rápida, passei a mão na molecada e fomos pra pracinha, onde ficamos até umas onze e trinta.

Fiz o almoço com o Inácio (1 ano e 6

Devo ter dito que seriam delas quando eu morresse. Um dia perguntou: “Lucas, quando a vovó vai morrer?”. Ele: “A vovó não vai morrer!”.

meses) zanzando pela cozinha, sinal de que estava “morto de fome”. O espaço era reduzido, pois a faxineira estava “faxinando” a sala... Pedi à Clarinha que distraísse Inácio entre a copa, o corredor e o quarto dele. Até que ela tentou, mas ele corria para a cozinha depois de jogar nela um pau de proteção da porta. “Vovó, Inacim tá me batendo”. Eu: “Se vira, Clarinha, não deixa... Você é bem maior que ele...”. Ela: “Mas, vovó, esse moleque é danadinho...”.

Dei uma dura nela: “Tem de me ajudar! Vá brincar com Inácio na copa e no quarto de vocês! Vovó está terminando de fazer o almoço...”. Ela: “Tá booom!”. E, quando ela diz “tá bom”, podemos

confiar que está concordando e vai fazer. Eu a ouvia dizendo que ele não viria mais pra casa da vovó. E tascava: “Moleque saliente, vou te pegar de jeito!”.

De repente, calma! Ela entrou na cozinha, colocou uma mão na cintura e, com a outra balançando, falou: “Botei o moleque dentro do berço!” (Ela, com 4 anos, pesava 18 kg; Inácio, 1 ano e 6 meses, pesando 10 kg). Assustada, saí correndo pro quarto e lá estava Inácio todo sorridente pulando dentro do berço... Foi um alívio!.. “Clarinha, como colocou Inácio no berço?”.

Ela, de cócoras ao lado do berço, disse-me: “Assim... Peguei e fui empurrando, empurrando... e ele ‘tibungo’ dentro do berço!”. Olhei para Inácio todo pimpão e indaguei: “De cabeça, Clarinha?”. Ela, balançando a cabeça e fazendo beicinho sorridente, falou pausadamente: “De ca-be-ça, vovó!”. Caímos na risada... Inacim também!

DUKE

